



Texto licenciado sob a forma de uma licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional



ID 1112

Dossiê Cinema e Colonialismo – Resenha

**O Antropoceno nos nossos apartamentos:
por uma Amazônia sensível em Emanuele Coccia**

**El Antropoceno en nuestros apartamentos:
por una Amazonia sensible por Emanuele Coccia**

**The Anthropocene in our apartments:
for a sensitive Amazon by Emanuele Coccia**

Ribamar José de Oliveira Junior

Professor Substituto na Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Rio de Janeiro; RJ; Brasil.

E-mail: ribamar@ufrj.br.

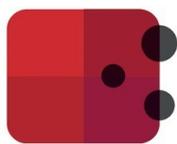
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5607-2818>

EMANUELE COCCIA



AMAZÔNIA SENSÍVEL

Coccia, Emanuele. *Amazônia sensível*. Trad. (Paulo César Marques Holanda). Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2023.



Resumo: Por uma “erótica da planetária”, Emanuele Coccia recusa a ideia de uma ecologia do planeta para pensar por meio de uma Amazônia sensível. Publicada no ano de 2023 pela Editora Cultura e Barbárie, a obra *Amazônia sensível* não busca descrever ou explicar a Amazônia, mas olhá-la como uma comunidade de sonhos. Da palestra que o autor realizou na residência artística *Labverde22 – Art Immersion Program in the Amazon* na cidade de Manaus, Amazonas, no dia 22 de outubro de 2022, o texto se organiza como uma longa fala sobre o Antropoceno dos nossos apartamentos e as espécies que temos de estimação. Para ele, a natureza pode ser vista como um museu de arte contemporânea e cada espécie como uma forma de bioperformance na floresta. Como seria o mundo se, ao invés de nos identificarmos com pai e/ou mãe, tivéssemos nos identificado com uma planta? Comecei a pensar sobre tudo isso quando roubei uma muda do Jardim Botânico do Rio e iniciei uma outra genealogia.

Palavras-chave: Amazônia; Sensibilidade; Antropoceno; Metamorfose.

Resumen: Por una "erótica de lo planetario", Emanuele Coccia descarta la idea de una ecología del planeta para pensar una Amazonia sensible. Publicado en 2023 por Cultura e Barbárie, *Amazônia sensível* no pretende describir o explicar la Amazonia, sino mirarla como una comunidad de sueños. A partir de la conferencia que el autor dio en la residencia artística *Labverde22 - Programa de Inmersión Artística en la Amazonia*, en la ciudad de Manaus, Amazonas, el 22 de octubre de 2022, el texto se organiza como un largo discurso sobre el Antropoceno de nuestros apartamentos y las especies que tenemos como mascotas. Para él, la naturaleza puede verse como un museo de arte contemporáneo y cada especie como una forma de bioperformance en la selva. ¿Cómo sería el mundo si, en lugar de identificarnos con un padre y/o una madre, lo hiciéramos con una planta? Empecé a pensar en todo esto cuando robé un arbolito del Jardín Botánico de Río y empecé otra genealogía.

Palabras clave: Amazonia; Sensibilidad; Antropoceno; Metamorfosis.

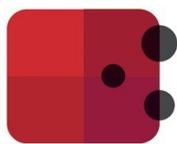
Abstract: Through an “erotics of the planetary”, Emanuele Coccia rejects the idea of an ecology of the planet in order to think through a sensitive Amazonia. Published in 2023 by the publishing company Cultura e Barbárie, *Amazônia sensível* does not try to describe or explain the Amazon, but rather to look at it as a community of dreams. From the lecture that the author gave at the *Labverde22 - Art Immersion Program in the Amazon*, an artistic residency in the city of Manaus, Amazonas, on October 22, 2022, the text is organized as a long speech about the Anthropocene of our apartments and the species we have as pets. He sees nature as a contemporary art museum and each species as a form of bio-performance in the forest. What would the world be like if, instead of identifying with a father and/or mother, we could have identified with a plant? I began to think about all of this when I stole a plant from the Rio Botanical Garden and embarked on another genealogy.

Keywords: Amazon; Sensitivity; Anthropocene; Metamorphosis.

Mudas e parentescos

Roubei uma muda de jiboia na semana passada no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Embora já tivesse rabiscado o livro *Amazônia Sensível*, publicado em 2023 pela Editora Cultura e Barbárie, com tradição de Paulo César Marques de Holanda e revisão de Fernando Scheibe, não havia imaginado que estava criando um espaço de intimidade não genealógica com aquela planta. Pelo menos, é isso que o Emanuele Coccia sugere nessa obra que foi articulada a partir da palestra realizada pelo professor titular da *École des hautes études en sciences sociales* (EHESS) em Paris, durante a residência artística *Labverde22¹ – Art Immersion Program in the Amazon* na cidade de Manaus, Amazonas,

¹ O *Labverde* é uma plataforma transdisciplinar baseada na Amazônia que busca desenvolver linguagens artísticas através da organização de residências, festivais, palestras, *workshops* e publicações no sentido de coimaginar relações com os ecossistemas na atualidade. Idealizado no ano de 2013 por mulheres e



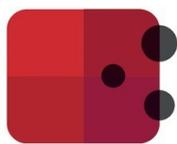
no dia 22 de outubro de 2022. Feito um a um na primavera do ano passado, com o miolo costurado em linha verde e ilustrado com uma foto de capa de Sandra Alves colada artesanalmente, tive a sorte de pegar o exemplar do livro carimbado em vermelho “099” em curtas 48 páginas. Ao abrir, o livro possui uma camada sensorial com uma folha de manjeriço colada na contracapa que apenas consegui identificar quando comparei por alguns dias com uma folha verde da mesma planta que tenho no meu quarto. Planta que, inclusive, compartilha o vaso com a muda de jiboia, pois ainda não tenho espaço para ela, ainda que exista uma outra genealogia por nós.

A fala de Coccia inicia com um esclarecimento. O autor não quer descrever ou explicar a Amazônia, mas olhar o resto do planeta deste ponto de vista, fazendo dessa floresta uma lente sensível para transcender seus próprios sentidos como ecossistema. Assim, ele propõe a substituição da palavra e da ideia de *ecossistema* pela palavra e pela ideia de uma *Amazônia sensível* que não mais seria um conjunto de árvores ou de animais, mas um gesto que não opere como uma metáfora geográfica. Aqui, interessa uma Amazônia como associação de espécies a partir de como o povo, que a construiu e viveu, nomeou o conjunto de “culturas amazônicas”. É o momento em que ele cita a cultura Yanomami para nos lembrar que a Amazônia é antes de tudo comunidade de sonhos, como destaca na etnografia de Limulja (2022) e cita pelas cordas das redes por onde o sonho desce em Kopenawa e Albert (2015).

No caso, a floresta se faz sonho e as realidades das formas de vida que nela habitam são criaturas oníricas ou, ainda mais, a floresta é o espaço onde tudo sonha, o sonho de cada espécie que sonha dentro do sonho. “O sonho é, portanto, um momento ou um espaço de continuidade entre todos os seres, definido pelo fato de que todos os seres são imagens” (Coccia, 2023 p. 12). Para o autor, isso é o que acontece no parto, pois nascer é continuar, ser forçado a assumir a carne e a vida de outro ser para existir. Algo que, anteriormente, na obra *Metamorfoses* publicada em 2020, ele denominou por reciclar, mas que agora ele exemplifica com a vida na Amazônia.

Por isso, acredito que exista uma relação entre o quinto capítulo deste livro com o debate que ele propõe na sensibilidade da floresta, pois as ideias do mundo como reciclagem e da metamorfose aparecem como um dos modos de fazer parentesco. Assim, Coccia fala que somos uma espécie de “zoológico ambulante” que carregamos uma biodiversidade. A definição de natureza ganha um contorno interessante nesse horizonte, pois o autor a traz pela associação de seres vivos através do sonho, como um tipo de sonho intraespecífico de forma da realidade. O argumento se fortalece

com apoio do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), o *Labverde* é liderado por Lilian Fraiji, produzido de Tammy Cavalcante e orientado de Flávia Santana, reunindo indígenas, artistas, cientistas e outros agentes que pensam esse laboratório cósmico que se faz Amazônia.



quando ele se questiona sobre o porquê de não pensarmos a Amazônia enquanto sonho em torno de uma cultura científica.

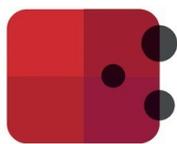
Ao contextualizar o conto da princesa e do sapo dos irmãos Grimm, ele traz a situação do planeta-sapo e da princesa-humanidade na moral da história e, ao refletir que somos incapazes de pensar o amor com outra espécie, pontua que o problema ecológico talvez seja também um problema erótico. Não que Emanuele Coccia esteja com um cigarro na mão como Susan Sontag - que uma vez disse encarar o sexo da mesma forma com que encarava a sua escrita (Sontag, 2012), mas nesse caminho ele fala de uma erótica planetária ao invés de uma ecologia do planeta. “A ecologia deve abandonar sua retórica penitencial, moralizante, punitiva (‘você destruiu o planeta, você o matou’) e se concentrar na maneira de erotizar as relações interespecíficas” (Coccia, 2023, p. 20).

Sim, talvez Coccia não queira mesmo interpretar, mas experimentar. Ele nos diz que não precisamos ir muito longe para compreender essas ideias. Basta lembrar da relação que temos com nossos cachorros. Aqui irei trocar cachorros por gatos, pois fiz a minha leitura pelos felinos. Se a ecologia trouxe o planeta como nossa casa, o autor fala que o Antropoceno se tornou nosso apartamento e/ou nossa casa e todas as espécies se tornaram nossos animais de estimação. Então, como amar o nosso parceiro enquanto outra espécie? Eu comecei a amar minha jiboia depois de Coccia, não pelo roubo, mas pelo fato de que a quero perto de mim.

O amor aqui está fora do jogo da identidade do sujeito. De Freud a Agostinho, Coccia fala de uma “força erótica pré-genital” mobilizada pela libido que se polariza sobre um objeto em que nos tornamos sujeitos. O que poderia acontecer com esse circuito supostamente original de identificação e de reconhecimento se pudéssemos amar gatos como nossa família? Esse processo poderia ser desencadeador da busca por uma vida comum, quando pensamos na relação com as espécies enquanto um encontro para além da identidade. Tal ideia faz com que o autor sugira uma vida sem espécies e com encontros relacionais e autônomos. Por isso, o amor seria o processo de subtração mútua do rosto, a liberação do rosto e da identidade. “A verdadeira domesticação é o amor que permite perder seu rosto no olhar sem rosto do outro” (Coccia, 2023, p. 28). Para ele, pensar a natureza dessa forma seria revolucionário, porque abandonaríamos a ideia de ecossistema e pensaríamos a floresta, ou esta ideia, como algo mais próximo da tentativa de um ser humano ser alegre ao lado de um gato. Assim, os seres vivos ao invés de se associarem em um ecossistema, secretam uma vida animal que os liberta da sua própria identidade. Nesse momento, ele lembra da relação de Donna Haraway com os seus cachorros no convite de repensar a ecologia a partir da relação dela com a sua cadela Ms Cayenne Pepper (Haraway, 2021).

Para o autor, Donna Haraway não estava convidando a pensar no selvagem e sim a reconhecer a “natureza” no interior dos nossos apartamentos, uma natureza cada vez mais ordinária, banal e cotidiana como pelos de gato em uma almofada. Ainda mais, o gato aqui não é uma espécie natural, original e autóctone, mas um artefato não menos artificial que nossa luminária ou nosso computador. Cada espécie para Coccia seria um ciborgue, algo muito impuro por onde o amor como artifício se faz metamorfose e o espaço de desnaturação. Diante dessas reflexões, ele cita Ovídio (2007) que falava do amor como uma tecnologia erótica, pois seria com a técnica que o amor deveria ser conduzido como barco e remo. “Amar é ser engenheiro da vida de outrem” (Coccia, 2023, p. 34). O autor usa essa leitura para embasar o amor como um modo de vida, um tipo de relação interespecífica, pela forma como nos transformamos no outro radicalmente. Se ser amado quer dizer estar aberto à possibilidade de ser talhado pelo outro, o amor seria o fim da identidade, uma vez que não buscamos ser reconhecidos, mas buscamos ser transformados. A metáfora do casulo retorna para o autor e ele a utiliza na mistura das identidades pela forma elementar e biológica de consumação do amor: o sexo que transforma de modo mútuo a multiplicação dos indivíduos. Pela possibilidade de assumir os traços do autor e viver misturando genes, ele pensa no sexo como algo diverso. A reprodução é revista como paixão pela alteração e pela alteridade, logo que vivemos no corpo do outro como individuo interposto por uma transformação geológica do prazer de outrem.

Nesse horizonte, ele percebe o sexo como o lugar onde o amor se torna a nossa tecnologia da metamorfose, mas de uma metamorfose cega e experimental. “O amor se torna uma questão inter-reinos, uma orgia da qual participam espécies de diferentes reinos” (Coccia, 2023, p. 41). O autor argumenta que ao contrário de nós, humanos, abelhas, pássaros e outros polinizadores tomam decisões com base não em cálculos, mas em fatores estéticos, uma vez que formas, cores e padrões decorativos de espécies influenciam nesse processo, o que não define apenas uma adaptação, mas um gosto. Por isso, afirma que as espécies são unidades artísticas como formas de “bioarte” que fazem performances artísticas e possuem uma concepção estética, fazendo da natureza em si um museu de arte contemporânea. Mas, o que Coccia quer dizer com esse olhar é que o amor é uma perda, sobretudo, da própria identidade para fazer aflorar uma vida comum, uma vida que não cessa de mudar de rosto. O amor requer trabalho de campo, pois amar é estudar o outro, fazer de si um e do outro um casulo. Depois de ler Coccia neste livro, comprei uma muda de “vence-demanda” em Botafogo e procurei fazer uma outra genealogia.



Referências

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos Yanomami**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

SONTAG, Susan. **As consciousness is harnessed to flesh: journals and notebooks, 1964-1980**. New York: Farrar Straus Giroux, 2012.

OVÍDIO. **A arte de amar**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

Recebido em: 19/03/2024 | Aprovado em: 14/06/2024